

AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 71-72

D M S
IANVARIAE AN
N XXXV EVGA
MINIS FILIVS
MATRI PIEN
TISSIME QVE
ANNEC MEMI
NI NECPANE POS
TV LAVIT FC

A MORTE EM LISBOA— NOVOS DADOS, NOVAS PROBLEMÁTICAS

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

71-72

Ano de Edição

2022

Anos Associativos AAP

2019-2020

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Ara funerária romana de Entrecampos (desenho César Neves)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

A MORTE EM LISBOA – NOVOS DADOS, NOVAS PROBLEMÁTICAS

9 A Morte em Lisboa – Novos dados, novas problemáticas

Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida

13 Morrer em Lisboa. Contextos e contributos arqueológicos

Margarida Ataíde

25 *‘et sepultus est’* – A multiplicidade da morte na Necrópole Noroeste de Olisipo

Sílvia Casimiro, Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves Cardoso

35 Biografias na Morte: visitar o Hospital Real de Todos-os-Santos, no séc. XVIII, através das evidências bioarqueológicas

Francisca Alves Cardoso, Sílvia Casimiro, Jennifer Loughton, Rodrigo Banha da Silva, Sandra Assis, Nicholas Marquéz-Grant

45 Os enterramentos do claustro do Convento do Santíssimo Rei Salvador (Santa Maria Maior)

Nathalie Antunes-Ferreira, Nuno Mota

57 Vida e morte das freiras do Convento de Santana

Nathalie Antunes-Ferreira

73 Espólios funerários do Convento de Santana em Lisboa (campanha de 2002-2003)

Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Carlos Boavida, Joana Gonçalves

91 As necrópoles da Igreja e Convento do Carmo: intervenção arqueológica (2013/2015)

António Marques, Raquel Santos

105 Enterramentos no Largo do Coreto em Carnide: vestígios do cemitério da Ermida do Espírito Santo

Susana Garcia, Ana Caessa, Nuno Mota

119 Debaixo do vão de escada: o inusitado conjunto osteológico humano do extinto Tribunal da Boa Hora, Lisboa

Marina Lourenço, Inês Simão, Lucy Shaw Evangelista, Catarina Furtado

ARTIGOS

133 Novedades de arte rupestre premagdalenense en el centro de la región cantábrica (España)

Ramón Montes Barquín, Roberto Ontañón Peredo

145 A exploração e consumo de laticínios na pré-história europeia: uma abordagem a partir das “queijeiras” do Ocidente Peninsular

Lucas Barroso

159 O povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). Notas sobre a campanha de escavação de 2019

César Neves, José Morais Arnaud, Mariana Diniz, Andrea Martins

185 Um novo epitáfio de *Olisipo*: a ara funerária romana de Entrecampos (Lisboa)

José Morais Arnaud, José d’Encarnação, César Neves

ARTIGOS. DO CARMO A SÃO VICENTE – PARTE II

193 Colóquio de homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)

Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida

- 195 Do Vicente ao Vencimento, um mosteiro e um convento. Dois contributos para a divulgação de dados histórico-arqueológicos
Carlos Boavida
- 207 Marfins afro-portugueses de São Vicente de Fora (séculos XV-XVI)
Mário Varela Gomes
- 219 Castidade ou penitência? O “cinto” em ferro do Mosteiro de São Vicente de Fora
Tânia Manuel Casimiro, António Augusto Branco
- 225 D. João VI – um caso de envenenamento revisitado
Sandra Coelho
- 235 S. Vicente de Fora – meio século de actividade arqueológica
Nuno F. Poínhas Pires

RELATÓRIOS

- 251 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2019
José Morais Arnaud
- 257 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2020
José Morais Arnaud
- 261 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2019
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 265 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2020
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 269 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2019. Plano de Actividades para o Ano 2020
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 273 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2020. Plano de Actividades para o Ano 2021
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 275 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2019
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 287 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2020
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 291 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2019
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 293 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2020
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 295 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2019
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 297 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2020
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 299 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2019
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 307 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2020
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

UM NOVO EPITÁFIO DE OLISIPO: A ARA FUNERÁRIA ROMANA DE ENTRECAMPOS (LISBOA)

José Morais Arnaud¹, José d'Encarnação², César Neves³

¹ Associação dos Arqueólogos Portugueses / direccao@arqueologos.pt

² Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património / jde@fl.uc.pt

³ Associação dos Arqueólogos Portugueses / UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / cesar.neves@arqueologos.pt

Resumo

Apresentação de uma ara romana epigrafada, de lioz, identificada no decorrer da empreitada pública para a construção, há cerca de 50 anos, de um estabelecimento de ensino, ora inexistente, localizado num espaço próximo da actual Biblioteca Nacional de Portugal, em Entrecampos, freguesia de Alvalade e concelho de Lisboa.

Foi entregue à Associação dos Arqueólogos Portugueses pelo Sr. Delfim Santos, seu fiel proprietário até à data de 14 de Setembro de 2020, passando a integrar o espólio lapidar do Museu Arqueológico do Carmo.

Atendendo à paleografia e às características textuais, o monumento será datável do século II da nossa era.

Palavras-chave: *Olisipo*, Epigrafia funerária romana, Lusitânia romana.

Abstract

Presentation of a Roman epigraph, made in limestone, identified during a public construction, about 50 years ago, near the current National Library of Portugal, in Entrecampos (Lisbon, Portugal).

It was handed over to the Association of Portuguese Archaeologists by Mr. Delfim Santos, its faithful owner until 14 September 2020, becoming part of the lapidary collection of the Carmo Archeological Museum (Lisbon, Portugal).

According to the palaeography and textual characteristics, the monument will be dated back to the 2nd century of our era.

Keywords: *Olisipo*, Roman funerary epigraphy, Roman Lusitania.

1. INTRODUÇÃO

O monumento foi entregue à Associação dos Arqueólogos Portugueses pelo Sr. Delfim Santos, seu fiel proprietário até à data de 14 de Setembro de 2020, dia em que o Gabinete de Arqueologia do Museu Arqueológico do Carmo o recolheu. A lápide esteve em casa de Delfim Santos, pelo menos durante cerca de 50 anos, sempre num local protegido e nunca ao ar livre, como nos informou.

Segundo o proprietário, a ara foi identificada no decorrer de uma empreitada pública para a construção de um estabelecimento de ensino, ora inexistente e que se situava num espaço próximo da Biblioteca Nacional de Portugal (Entrecampos, freguesia de Alvalade, concelho de Lisboa) – Figura 1. Num dos seus trajectos diários por essa zona, uma vez que era aí que tinha o seu local de trabalho, Delfim Santos observou a existência de uma “pedra peculiar” junto a um conjunto de outros blocos pétreos removidos durante os trabalhos de construção da futura escola; questionou o responsável da obra sobre qual seria o destino dessa pedra, ao que lhe foi respondido que seria enterrada

ou desfeita em blocos pétreos mais pequenos. Pediu, então, para ficar com a pedra – que lhe foi imediatamente entregue – ficando à sua guarda, como se referiu, até ao momento em que contactou a Associação dos Arqueólogos Portugueses.

A oferta à Associação dos Arqueólogos Portugueses/Museu Arqueológico do Carmo vem no sentido de o Sr. Delfim Santos estar consciente de que este elemento histórico necessitava de uma análise científica, augurando que pudesse depois ficar acessível e em exposição a um maior número de pessoas possível.

Correspondendo ao desejo do doador, deu-se logo uma primeira notícia acerca da importância do monumento (Encarnação, Arnaud e Neves, 2021) e fez-se, a 18 de Maio de 2021, numa conferência realizada no Museu Arqueológico do Carmo, a sua apresentação pública, passando a integrar, nesse mesmo dia, a exposição permanente da instituição.

2. O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO POSSÍVEL

Desconhece-se se a identificação da ara resultou de trabalhos de escavação da empreitada ou se integra-



Figura 1 – Localização aproximada do local onde a ara foi identificada. (Base Cartográfica: C.M.P. 1:25 000; Folha 431 – adaptado; Mapa da Península Ibérica de *Trabajos de Prehistoria* – adaptado).

ria uma antiga estrutura, aí demolida, como elemento arquitectónico reaproveitado. Ela surge, assim, como um achado isolado, não sendo possível determinar se estaria associada a mais elementos da mesma natureza cronológica e funcional.

A existência de lápides funerárias de cronologia romana nesta área específica de Lisboa não é inédita. No Portal do Arqueólogo (Endovélico – Sistema de Informação e Gestão Arqueológica), surge a entrada de “Lápide com Inscrição” como a única referência para um sítio de cronologia “Romano” na freguesia de Alvalade. Com o nome “Lisboa-Campo Grande”, a ficha não refere qualquer dado que nos indique se é referente às lápides acima mencionadas ou se corresponde a um elemento novo (CNS 6327)¹.

Em 1902 e 1903, num espaço próximo do antigo Mercado Geral de Gados (onde viria a ser a Feira Popular de Lisboa), foram detectadas, por funcionários da autarquia, duas lápides com inscrições funerárias, possivelmente dos séculos I a III (Campos, 1904; Silva, 1944: 75 e 229-231). «Na notícia que dava conta da descoberta referia-se ainda a existência de ossos humanos relacionados com as lápides. Os investigadores pensam que esta necrópole estava relacionada com uma *villa* romana que existiria nas imediações e com alguma estrada coeva. As epígrafes foram depositadas no Museu Nacional de Arqueologia»².

Recentemente, numa obra ainda em decurso nos terrenos da antiga Feira Popular, já num espaço administrativamente pertencente à freguesia das Avenidas Novas, foi colocado à vista, pela equipa de arqueologia da Neoépica Lda., um conjunto de vestígios de natureza crono-cultural diversa (da Pré-História à Época Contemporânea), onde se incluem estruturas e artefactos de cronologia romana (CNS 38617). “Os materiais de época romana apresentam-se rolados, por vezes misturados com materiais de cronologia mais antiga. Contudo, no canto NE da área da Antiga Feira Popular foram recolhidos materiais de cronologia romana, incluindo cerâmica de construção e restos de *opus*, não rolados”³.

A informação agora existente revela que essa ocupação ainda não terá sido totalmente intervencionada,

desconhecendo-se, dessa forma, quais os dados daí provenientes e se estes poderiam estar relacionados com a possível necrópole identificada no início do séc. XX⁴.

Esta notícia e as referências às lápides identificadas em 1902 e 1903 revelam, assim, a existência de ocupação romana num espaço que não dista mais de 200 m da Biblioteca Nacional de Portugal, o que poderá indicar que estaremos perante um conjunto de achados que farão parte de um mesmo sítio arqueológico, que até poderá ter diferentes cronologias dentro do longo período de ocupação romana no nosso território.

3. DESCRIÇÃO

A tipologia do monumento obedece ao que é habitual na epigrafia de *Olisipo*: na parte superior do capitel dois toros ladeiam o fastígio incompleto por fractura; platibanda separada por filete da moldura de gola encurtada. A inscrição preenche totalmente o fuste e termina já na garganta encastada que encima o plinto da base.

Dimensões: 39 x 19/15,5/19 x 13/10/13.

Campo epigráfico: 18,5 x 14,5.

D(is) (hedera) M(anibus) (hedera) S(acrum) / IANVARIAE (hedera) AN/N(orum) XXXV (quinque et triginta) EVGA/MINIS (hedera) FILIVS / ⁵ MATRI (hedera?) PIEN/TISSIME (hedera) QVE/M [sic] NEC MEMI/NIT NEC PANE POS//TVLAVIT F(aciendum) C(uravit)

Consagrado aos deuses Manes. A Januária, de 35 anos – o filho de Eugâmine mandou fazer à mãe modelo de piedade, de quem se não recorda nem pediu pão.

Altura das letras: l. 1: 1,9; l. 2: 1,7/1,5; l. 3: 1,8/1,7; l. 4: 1,6/1,5; l. 5: 1,6/1,3; l. 6: 1,5; l. 7 e 8: 1,5 /1,6; l. 9: 1,6/1,2. Espaços: 1: 0,3; 2: 0,4; 3: 0,5; 4: 0,4; 5: 0,3; 6: 0,4; 7: 0,5; 8: 0,4; 9: 1,3.

Paginação com alinhamento à esquerda. A invocação aos deuses Manes, segundo eixo de simetria e de módulo maior. A inesperada extensão do texto obrigou o *ordinator* a utilizar a moldura da base para o final. A regularidade dos espaços interlineares sugere que houve utilização de linhas de pauta. Pontuação de heras minúsculas, lanceoladas e com pecíolo (Figuras 2 e 3).

¹ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=51417>.

² In Lisboa Romana – <https://www.lisboaromana.pt/imo-vel/monumentos-epigraficos-funerarios-entrecampos>.

³ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3526700>.

⁴ <https://tvi24.iol.pt/sociedade/lisboa/arqueologos-encontram-vestigios-romanos-na-antiga-feira-popular>.

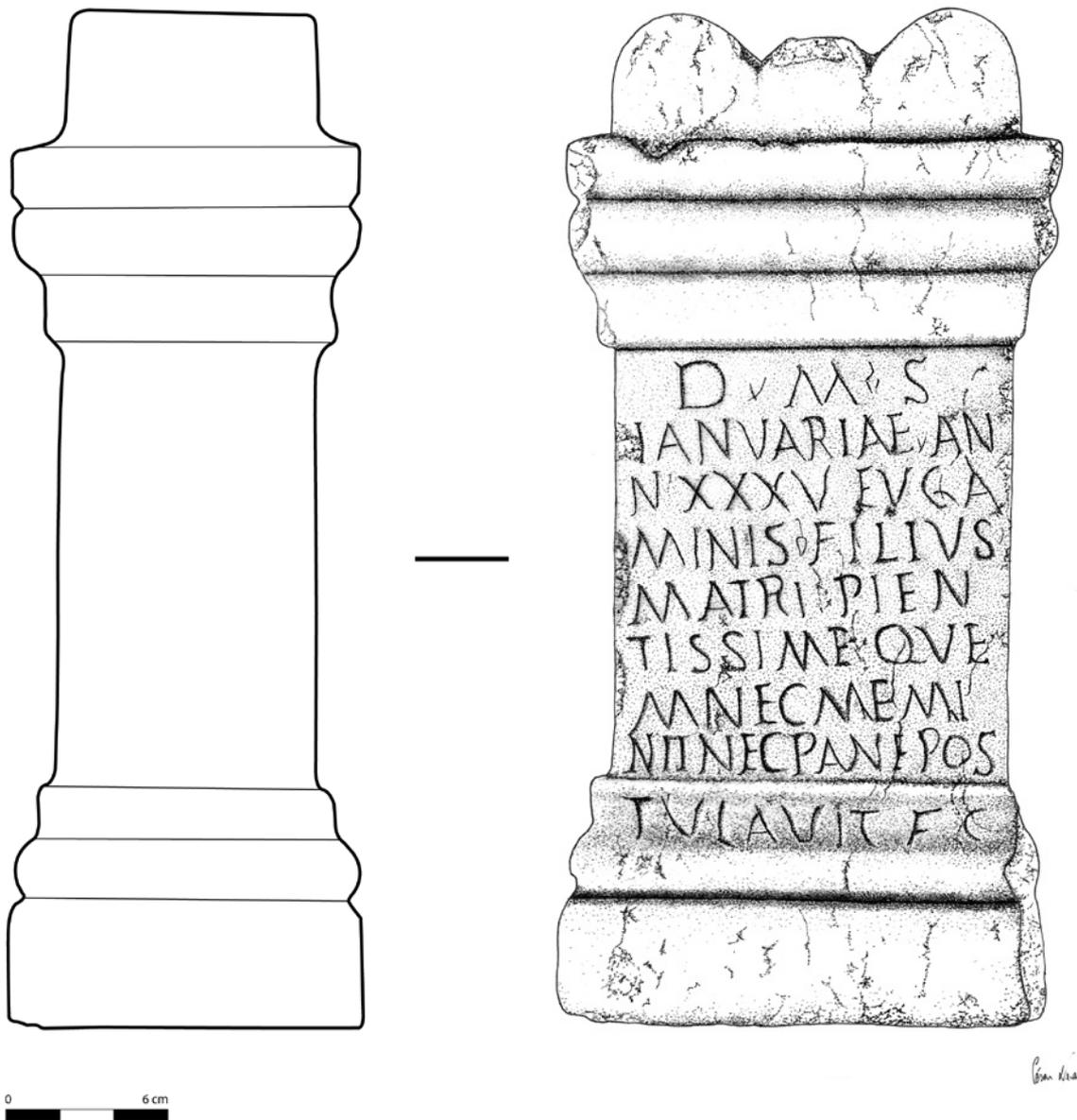


Figura 2 – Ara funerária romana de Entrecampos. Desenho: César Neves.

Caracteres actuários, sem preocupação de qualquer rigor geométrico.

Epitáfio que revela uma grande ternura por parte do filho, clima bem compreensível por dois motivos: a morte prematura da mãe (quicá por ocasião do parto) e a circunstância de se estar em ambiente de escravos ou libertos. Na verdade, *lanuarius* é nome que, além de assaz frequente em geral, se regista amiúde na ono-

mástica de escravos e libertos⁵; recorde-se, a título de exemplo, que um notável liberto imperial de serviço

⁵ Kajanto referiu, no seu tempo, a existência de 1120 homens (dos quais 120 escravos ou libertos) e de 571 mulheres (das quais 41 escravas ou libertas) mencionados sobretudo no conjunto do CIL; assinalou também a conclusão a que R. Mowat chegara (1869: 243) de que este nome gozara de especial predilecção na África Romana (637 testemunhos para um total de 1854), devido ao facto de o começo do ano ser aí considerado um período de bom augúrio (Kajanto, 1965: 218-219).



Figura 3 – Ara funerária romana de Entrecampos. Foto: José M. Arnaud.

em *Conimbriga* se chamava *P. Aelius Ianuarius* (Fabre, 1963). Quanto a *Eugamen*, nome de etimologia claramente grega, é a primeira vez que se regista na epigrafia romana.

4. ASPECTOS LINGUÍSTICOS

Houve oportunidade de dar conhecimento do texto a colegas epigrafistas, que manifestaram a sua surpresa perante uma formulação epigráfica fora do comum, nomeadamente na afirmação final.

Não oferece dúvida «el uso vulgar del masculino *quem* en vez del femenino *quam*», como Ricardo Hernández Pérez frisou, em mensagem que nos enviou, e nós assinalámos.

Por outro lado, pode causar estranheza a expressão *pane postulavit*, sobretudo porque se exigiria um dativo: *cui nec pane postulavit*. O relativo *quem* (em acusativo) acaba por servir para ambos os verbos (*meminis* e *postulavit*) – e este é igualmente, do ponto de vista sintáctico, um pormenor não de sobras.

Numa primeira impressão, apontar-se-ia um lapso do lapicida, que deveria ter escrito *panem postulavit*, «pediu pão»; também se poderia pensar, todavia, num ablativo *pane postulavit*, como quem diz «pediu por pão». Quer-nos parecer que o ablativo acentuaria mais a realidade expressa: o filho, afinal, nunca teve oportunidade de lhe ‘exigir’ alimento, não chegara a ser por ela amamentado! «Pão» assume a categoria de sinédoque, a parte pelo todo.

Esta observação leva-nos à que anteriormente se expressa na epígrafe: o filho também não se lembra da mãe – *quem [sic] nec meminuit!* Juntas as duas circunstâncias, afigura-se lógica a conclusão de que a mãe poderia ter morrido no parto. Essa é também a opinião de Marc Mayer: «La madre tenía 35 años a su muerte, quizás de sobreparto por lo que el dedicante, un recién nacido, haría simbólicamente la dedicatoria indicando el nombre del padre, [...] o bien el monumento es hecho ya por el hijo en edad adulta recordando a la madre a la que no recuerda ya que murió en el momento de su nacimiento».

Ambas as hipóteses poderiam ser válidas; contudo, o facto de o filho se identificar com o nome do pai – ele é «o filho de Eugâmen!» – leva-nos a optar pela primeira. Ao dedicante não é dado nenhum outro nome, porque, atendendo à sua tenra idade, ainda lhe não fora atribuído! Desta forma, partindo, naturalmente, do pai a iniciativa de mandar lavar o epitáfio, quis que assim também ficasse consignada a dor do filho, que, dada a morte prematura da mãe, porventura no parto, como se aponta, não tivera oportunidade de a conhecer nem de ser por ela amamentado! Esse, aliás, um dos aspectos que bem revela, como atrás se assinalou, o clima de ternura que habitualmente envolvia as famílias de libertos, em que o filho já poderia assumir o estatuto de cidadão romano (Fabre, 1981: 180, 199).

Uma palavra ainda acerca do patronímico. Na primeira interpretação que apresentámos, cometeu-se um erro: considerámos *Eugaminis* o nome do filho; não é: estamos perante o genitivo (normal) de *Eugamen*, um nome que pela primeira vez se regista, quanto sabemos, na epigrafia romana. Em Roma, em meio de libertos, ocorre por diversas vezes *Eugamus*; na inscrição *CIL VI 15037*, por exemplo: *Claudius L(ucii) l(ibertus) Eugamus sibi et patrono*, “Cláudio Eugamo, liberto de

Lúcio, para si e para o patrono". Solin (1982: 793) refere a eventual existência, também em Roma, do antropónimo grego **Εὐγάμιος**, que relaciona com *Eugamius*, mas este nome *Eugamius* aparece especialmente já no período cristão. "Eugénio", também palavra de origem grega, literalmente "o bem-nascido", poderá estar relacionado com o antropónimo em análise.

Por conseguinte, além do formulário deveras singular, esta epígrafe vem demonstrar uma cultura invulgar por parte de um olisiponense do século II da nossa era.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Manoel Joaquim de (1904) – Nova lapide funeraria dos suburbios de Olisipo. *O Arqueólogo Português*. I Série. 9. Lisboa, pp. 59-60.

CIL = *Corpus Inscriptionum Latinarum*.

ENCARNAÇÃO, José d'; ARNAUD, José M.; NEVES, César (2021) – Ara funerária de Entrecampos (Lisboa). *Ficheiro Epigráfico* 215, pp.13-16 (inscrição nº 770).

FABRE, Georges (1973) – Un affranchi impérial à Conimbriga. *Revue des Études Anciennes* 75, pp. 111-125.

FABRE, Georges (1981) – *Libertus – Recherches sur les rapports patron-affranchi à la fin de la République Romaine*, Roma.

KAJANTO, Iiro (1965) – *The Latin Cognomina*, Helsínquia.

MOWAT, Robert (1869) – De l'élément africain dans l'onomastique latine. *Revue Archéologique* 1, pp. 233-256.

SILVA, Augusto Vieira da (1944) – *Epigrafia de Olisipo*. Lisboa.

SOLIN, Heikki (1982) – *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, 1, Berlin-Nova Iorque.

REFERÊNCIAS ON-LINE

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php>

<https://www.lisboaromana.pt/imovel/monumentos-epigraficos-funerarios-entrecampos>

<https://tvi24.iol.pt/sociedade/lisboa/arqueologos-encontram-vestigios-romanos-na-antiga-feira-popular>

MATERIAL CARTOGRÁFICO

Carta Militar de Portugal. Folha 431, Instituto Cartográfico do Exército, escala 1/25 000, Lisboa, suporte digital.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2022

www.arqueologos.pt